

Gaviões dos Zagros

Entrevista à guerrilha curda do século 21¹

Preâmbulo do entrevistador e militante latino-americano

Na segunda metade do século XX o mundo testemunhou uma intensa atividade guerrilheira. A luta armada desenvolveu-se intensamente enquanto debate e prática em diversos países, buscando uma transformação revolucionária da sociedade, rompendo com o capitalismo por uma nova sociedade socialista.

Hoje em dia a situação mudou muito. Muitas guerrilhas foram derrotadas pela repressão brutal, outras enfrentaram a estagnação e o refluxo, acabando por optar por percursos de paz e negociação; e também houve as que triunfaram, tomando o poder político que acabaria por conduzir ao caminho da burocratização estatal.

Porém há, é claro, exceções. Uma delas encontra-se no Oriente Médio, nas montanhas livres do Curdistão, especialmente na cordilheira dos montes Zagros, onde está ativa a guerrilha das Forças de Defesa do Povo (HPG) e das Unidades das Mulheres Livres (YJA-STAR). Foram elas que ano passado demonstraram uma resistência vitoriosa e indomável contra o Estado Fascista Turco, que é o segundo maior exército da OTAN.

Fundadas no sexto congresso do PKK em 2000, as HPG foram a continuação do Exército Popular de Libertação do Curdistão (ARGK), no marco da reorganização pelo qual passava o Movimento Curdo pela Liberdade quando o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) enfrentava um processo de liquidação interna. Uma parte do movimento buscava implementar reformas e liberalizar a organização, o que foi combatido pela militância revolucionária, com essencial papel das mulheres que viam sua autonomia ameaçada.

Fundadas em 2004, YJA-STAR é resultado da auto-organização das mulheres do movimento que desde os anos 90 passaram a construir unidades guerrilheiras autônomas, ao mesmo tempo que avançavam na construção de um próprio partido autônomo, que a partir de 2004 chama-se PAJK (Partido da Liberdade das Mulheres do Curdistão).

HPG e YJA-STAR também marcam o processo de adaptação do movimento aos tempos modernos, avaliando a partir da autocritica os limites e erros que enfrentara. Processo que é claro, é mais amplo do que apenas a esfera militar e que tocou a reorganização de todo o movimento em torno do Novo Paradigma desenvolvido por seu líder Abdullah Öcalan, baseado na democracia, ecologia e libertação das mulheres; e superando as teorias marxistas-leninistas de luta pelo poder estatal.

¹ **Nota do editor (N.E).** Essa entrevista inédita, realizada por um militante latino-americano a um membro das Forças de Defesa do Povo (HPG) curda foi traduzida diretamente do espanhol para o português. Evitou-se interferir o máximo possível no conteúdo do texto, buscando a maior fidedignidade do conteúdo aqui exposto. Também buscamos adaptar o mínimo possível, algumas questões de forma, para a melhor compreensão do autor.

A acusação do PKK como organização terrorista tem sido cada vez mais contestada ao redor do mundo, como uma classificação injusta e arbitrária, fruto de favores políticos e que cria obstáculos constantes para que se possa atingir uma paz democrática que dê respeito e autonomia para os povos do Curdistão – como é o caso da prisão em isolamento de Abdullah Öcalan.

Para entender melhor essa realidade, entrevistamos no início deste ano um guerrilheiro das HPG. Desde então a ofensiva do Estado Turco que na primeira pergunta é mencionada como algo que poderia ocorrer, de fato iniciou-se no dia 15 de Abril, com o envolvimento do Governo Regional Curdo, no Iraque, controlado pelo Clã Barzani, assim como com o Exército do Iraque que atacou e invadiu o território autônomo de Şengal (que é mencionado no final da entrevista).

A resposta a esses ataques tem sido poderosa, com inúmeras ações da contra-ofensiva guerrilheira assim como de protestos na Europa, Turquia e Rojava – denunciando as violações das leis internacionais como o uso de armas químicas.

Caíram em combate até agora cerca de 985 soldados das forças de ocupação e 50 guerrilheiros e guerrilheiras.

PARTE I – Contexto, situação e modernização da guerrilha

1. Bom para começar, poderia resumir a situação política da guerra?

Podemos dizer que o partido, PKK, desde 1984 está realizando uma luta armada contra o Estado Fascista Turco, especialmente durante os anos 90 quando entrou em uma fase de equilíbrio estratégico. Depois de 1993 iniciou-se uma fase de negociações com a intenção de resolver a questão curda de uma maneira democrática e dialogada. Mas a OTAN e a Turquia nunca tiveram, em nenhum momento, essa intenção, e buscavam apenas eliminar o movimento. De 1993 até 2013 foi uma época cheia de luta armada e negociação, alternando entre uma e outra frequentemente. Quando o Estado Turco estava com muitos problemas procurava o movimento para conversar, buscando assim vantagem, mas cada vez essa situação resultou no oposto. De 2013 a 2015 houve uma larga negociação entre o líder do povo curdo Abdullah Öcalan e o Estado, para muitas pessoas foi uma época de esperança. Quando chegou a hora de fazer uma declaração conjunta o presidente desprezou todo o processo e em poucos meses iniciaram-se ataques aéreos contra as Montanhas Livres. Então desde esse dia até hoje estamos numa fase de guerra muito grave em que está em jogo a existência dos dois lados.

Agora estamos numa situação em que a Turquia está juntando todas suas forças para entrar nas Montanhas Livres, que ficam entre o norte e o sul do Curdistão [na fronteira entre Turquia e Iraque], com muitas ofensivas. No ano passado foram utilizados muitos gases químicos, já que não conseguiam passar, apesar de todas suas armas, aviões e drones. Apesar de toda essa tecnologia não puderam superar a resistência da guerrilha.

Informações recentes indicam que uma grande ofensiva está sendo planejada junto com os traidores curdos do clã Barzani e seu partido PDK [Partido Democrático do Curdistão]. Querem lutar juntos pois apesar de ser o segundo maior exército da Otan querem usar, como já aconteceu antes, os traidores e oportunistas que querem juntar-se às forças invasoras, imperialistas, colonialistas.

2. A estratégia guerrilheira marcou a história como a possibilidade dos oprimidos triunfarem sobre seus opressores, apesar de uma grande disparidade de recursos, assim como o caminho para a transformação social. Hoje, porém o tópico da luta armada não atrai mais tanto a atenção das esquerdas, e guerrilha revolucionária parece uma coisa do passado. Como vocês veem isso? O que significa a guerrilha no século 21?

Podemos dizer que no século 20 desenvolveu-se uma maneira de luta guerrilheira especialmente a partir das experiências de Mao Tsé-Tung na China; Fidel Castro e Che Guevara em Cuba. Muitas organizações revolucionárias e anticolonialistas tomaram-nas como exemplo para sua própria luta. Talvez não pra cada caso mas em geral podemos descrever esse modelo com três etapas: *defesa estratégica* quando se forma o movimento guerrilheiro e começa com ataques contra o inimigo e a controlar pequenas áreas; *equilíbrio estratégico* em que o Estado colonialista tem força e controle dentro das cidades enquanto a guerrilha controla as áreas rurais, selvas e montanhas onde está seu QG e nenhum dos dois lados tem força pra eliminar o outro; e as áreas intermediárias de dia estão controladas pelo estado e de noite pela guerrilha. E a terceira e última etapa, o *ataque estratégico*, com insurreições nas cidades e os ataques da guerrilha tomam o controle sobre todo o país, e que precisa de apoio de um aliado externo, em geral a URSS ou a República Popular da China. Há muitos exemplos disso, em que o objetivo final era tomar o Estado, mas com o fim do socialismo real, com a queda da URSS, para a maioria dos movimentos guerrilheiros do mundo foi como se essas lutas tivessem terminado.

A OTAN passou a atacar com muita força o movimento, com o objetivo de aniquilar o PKK e demonstrar mundialmente que a guerrilha não funciona mais como método de libertação no século 21.

Mas para nosso movimento, para nossa luta, não foi o fim. Entrou-se numa fase de análise do paradigma existente nesse tempo, que foi sendo aperfeiçoado por Öcalan depois da Conspiração Internacional que levou-o à ilha-prisão de Imrali em 1999, nascendo assim o Novo Paradigma. Esse foi resultado da autocrítica do Movimento, que significava a necessidade de muitas mudanças dentro da luta. Isso por exemplo também significou a mudar a maneira de lutar como guerrilha. Os desenvolvimentos das tecnologias militares, é nesse cenário que nas montanhas livres do curdistão desenvolveu-se a Guerrilha Profissional do Século 21.

Profissional significa o seguinte: vivemos em um tempo em que a maioria dos exércitos do mundo mudam sua maneira de combater de um exército muito grande para um exército mais profissional com soldados que tem muito treinamento. Na história da humanidade podemos dar o exemplo dos samurais que tinham uma educação de cerca 20 anos completamente dedicada, começavam com 5 anos de idade e graduavam-se

com 20-25 anos e portanto eram muito bons em seu trabalho, em suas técnicas. Muitas vezes um só samurai podia ganhar de 10 ou mais inimigos.

Para nós isso significa não apenas ser um combatente normal como era antes de saber como usar mais ou menos as armas, mas de ter pelo menos uma especialização como sabotagem, sniper, armas pesadas e demais. Podemos dizer que a performance da guerrilha deve ser muito mais forte e ao mesmo tempo a necessidade de entender bem a tecnologia do inimigo e enfrentá-la. Em nosso contexto, especialmente o uso massivo de drones armados e a tecnologia de câmeras "thermal"/calor.

Um outro ponto que nesse contexto também devemos falar é a necessidade de uma performance ideológica que deve ser muito forte. Conhecemos a história de muitos movimentos guerrilheiros que pelas necessidades da luta e circunstâncias não lhes deram tanta importância.

Para explicar de maneira mais clara podemos dizer que antes uma unidade guerrilheira era composta de 20 a 100 pessoas, e hoje em dia a base fundamental da luta guerrilheira no Curdistão está composta de equipes de 3 a 5 pessoas. Que entre si, de acordo com as necessidades, cada uma tem uma especialização ou a mesma, a depender do objetivo.

PARTE II – Práticas para uma nova sociedade e metodologia antipatriarcal

3. Os velhos socialistas do século XIX falavam em construir uma nova civilização, Che Guevara colocou na moda falar do homem novo. Buenaventura Durruti disse que carregamos um mundo novo em nossos corações. Estas coisas referem-se a valores, a uma nova forma de vida, a novas relações sociais e à formação de um novo sujeito social, um sujeito revolucionário que constrói-se na e pela luta. Então como a guerrilha apoiada [seguidores de APO, isto é Abdullah Öcalan] enxerga essa questão? Quais são as características da personalidade de um guerrilheiro moderno?

No início podemos dizer que, mais ou menos, em cada movimento guerrilheiro há uma relação dialética entre a guerrilha e o povo. Ou mais corretamente, os povos, porque já não há só curdos que unem-se à guerrilha, mas também um monte de companheiros árabes e de todos os povos que vivem no Curdistão e no Oriente Médio, assim como um pequeno número de internacionalistas (incluindo da América Latina).

Nessa dialética desenvolve-se o novo ser humano, a nova sociedade. Quando falamos da personalidade ou das características da personalidade de um guerrilheiro moderno, um dos pontos mais importantes é a abordagem à questão da libertação da mulher, e conectado com isso o método que chamamos de Matar o Homem Dominante.

Porque para nós matar o homem dominante é um princípio do socialismo. Nosso movimento analisa que historicamente, a primeira opressão é a da mulher e não a de classe. Por isso, resolver esta contradição, a libertação da mulher, não pode ser algo deixado para depois da revolução. Para nós a libertação de uma sociedade está profundamente conectada com o nível da libertação da mulher.

Podemos ver que a relação entre as pessoas e a guerrilha tem um efeito importante. Por exemplo com a questão da libertação das mulheres, quando o movimento começou, era impossível imaginar as mulheres curdas saindo de casa e pegando em armas para lutar. Também nesse período, há muitos exemplos de mulheres que eram casadas ainda crianças, com 12-13 anos, e isso era considerado algo normal. Elas eram trocadas por animais, trigo etc. Hoje em dia, depois de 40 anos de luta, em todas as partes do Curdistão, por mais que não tenhamos resolvido todos os problemas, a situação das mulheres mudou muito. Hoje é normal para a sociedade curda que as mulheres lutem igualmente com os homens para a libertação do Curdistão. Em todos os níveis da sociedade e de sua organização, as mulheres tem seu papel respeitado.

Quando falamos da dialética entre sociedade e guerrilha, a guerrilha trata de desenvolver uma maneira de viver mais livre. No nosso contexto chamamos *Hevjiyana Azadî* que é desenvolver uma nova maneira de relação entre homens e mulheres, mas também entre homem e homem, mulher e mulher, como companheiros. Ao mesmo tempo a forma de vida nas montanhas, de tomar as decisões de maneira democrática, de buscar soluções, torna-se uma inspiração para a sociedade, e aos poucos a sociedade também muda em relação a isso.

No entanto, não se pode comparar a vida da guerrilha nas montanhas com a vida de uma família na sociedade.

Um outro ponto que podemos mencionar é a forma de desenvolver a vida comunal que pela crítica e a autocrítica que se trata – para dizer de uma maneira poética – em fazer com que seus companheiros e companheiras cheguem às estrelas. A ideia da crítica e da autocrítica é que todos somos criados no Sistema de Dominação, com todos os efeitos do colonialismo, patriarcado, racismo etc na nossa personalidade. E devemos superar isso com nossos amigos e companheiros. Como exemplo mais claro, podemos ver a mudança de paradigma que é resultado de uma autocrítica muito profunda.

Ao mesmo tempo podemos conectar a luta de classes com a luta de gênero, que é uma luta fundamental que se faz dentro do partido, para que se possa viver e lutar de maneira mais clara e com igualdade. Isso é algo que é feito todo o tempo e que se faz na base do companheirismo, não de tentar expor alguém como uma pessoa má, mas mostrar quais são os efeitos do sistema em alguém e como se pode resolver, para que seja um/a militante melhor. Isso também ocorre em mais ou menos todas as estruturas do movimento e em todas as partes do Curdistão em que a sociedade usa esses métodos.

Uma maneira bem intensa é a que chamamos Plataforma ou Análise da Personalidade, que trata de analisar através do indivíduo a sociedade em que vive, e através do momento sua história.

4. Como funciona a guerrilha autônoma das mulheres?

No Congresso de Fundação do PKK em 1978, de cerca vinte pessoas haviam apenas duas mulheres, o que estava muito relacionado com a realidade da sociedade curda desse tempo. O número de mulheres que se juntaram ao partido no início dos anos 90 explodiu, era a época em que no norte do Curdistão iniciaram as insurreições populares. Desde o princípio Ocalan deu muita importância à libertação das mulheres e viu que para conquistá-la, a organização autônoma das mulheres era um passo fundamental. Para que a mulher possa conhecer-se, entender-se, aprender sua força, e nesse processo em que até 1993 fundou-se as forças armadas das mulheres, as companheiras estavam muitas vezes só, ou duas ou três, em uma unidade com muitos homens. E na mentalidade patriarcal estas haviam sido colocadas em papéis de trabalho reprodutivo e os companheiros não as deixavam participar ativamente das linhas de frente do combate.

Mas com a construção das forças autônomas das mulheres tudo isso mudou muito, pois elas mostraram que igualmente com os homens, talvez melhor, podiam viver nas montanhas e fazer ações efetivas contra o Estado Fascista Turco. Isso também foi uma grande fonte de força para as companheiras.

Claro, com o tempo houve um desenvolvimento a partir dessa experiência. Quando falamos em autonomia não dizemos apenas de uma unidade separada, mas até no nível de comando mais alto elas são autônomas: fazem suas próprias conferências, ações. Mas também é importante dizer que se em muitos lugares vivem e lutam autonomamente, em muitos outros vivem lutam e trabalham junto com companheiros homens. Aqui também podemos ver uma dialética, que não é apenas de separação, mas todo o tempo busca-se desenvolver a vida. Incluindo o enfrentamento e a análise do patriarcado nelas mesmas.

Também foi fundamental o papel de Sakine Cansiz/Ş. Sara, fundadora do PKK que organizou as mulheres na sociedade, na prisão e na guerrilha.

Com sua vida e sua personalidade era uma companheira muito impressionante e especial e quando o serviço secreto turco assassinou-a junto com outras duas companheiras em 2013 em Paris (França), vieram cem mil pessoas à Paris para celebrar. Quando seu corpo chegou à capital do Curdistão de Amed haviam um milhão de pessoas para recebê-la, em um gesto de respeito.

A relação entre Ş. Sara e Ocalan era uma relação muito especial, que pode ser encontrada em suas memórias publicadas “Toda minha vida foi uma luta. Apesar de Ocalan ser o presidente do partido o tempo inteiro dizia que eram iguais, e uma vez quando ela queria ir para as montanhas e ele queria que ela fosse para outro lugar, como eram iguais decidiram isso em assembleia e a assembleia decidiu em favor de S. Sara.

5. Como os homens encaram a luta armada e a desconstrução do patriarcado?

Depende muito das razões de por que eles se unem à guerrilha, que podem ser muito distintas. Alguém na família que foi morto pelo Estado; contra a ocupação do Curdistão; por razões ideológicas, conectadas com a necessidade de realizar a luta armada e construir um mundo novo; cada um dos homens ingressa no partido e na guerrilha com a mentalidade e o jeito da sua sociedade, e de como encaram a mulher. É claro que dentro da guerrilha tem uma grande importância a questão de gênero, e por isso querendo ou não o homem terá que confrontar e refletir sobre sua masculinidade e seu machismo.

Também há diferentes métodos introduzidos pelo movimento das mulheres, como formações anti-patriarcais só para homens em que as aulas são dadas por mulheres, ao mesmo tempo aulas como a história do movimento das mulheres, jineolojî (ciência das mulheres), que são essenciais em todas as formações. Além disso há análises da personalidade com o foco no tema do patriarcado, apenas entre homens e conduzidas por uma mulher (enquanto as mulheres realizam o mesmo de forma autônoma, sem homens).

Esta análise de personalidade normalmente se faz no meio de uma formação ideológica (de 4 a 6 meses) onde o/a camarada fala sobre sua vida em relação ao tema (foco no patriarcado, como se uniu ao partido etc) e depois para que se entenda melhor, o restante das/os companheiras/os faz perguntas e depois começam as avaliações e as críticas, sempre com a intenção de contribuir e ajudar, demonstrando as problemáticas da personalidade que devem ser superadas.

Outro exemplo importante é que dentro do partido o casamento e as relações sexuais são proibidas. Mas é importante entender isso no contexto da realidade do Oriente Médio e da vida nas montanhas. Para o movimento das mulheres não é possível desenvolver relações que não sejam livres, mas estas só poderão existir uma vez que a luta revolucionária triunfe. É também importante dizer que não se vê isso como algo a ser aplicado para toda a sociedade que envolve-se nas estruturas mais externas e ampliadas

do movimento. Do mesmo modo, para o movimento das mulheres não é possível ter relações que não sejam livres.

PARTE III – Luta Armada e Partido

6. Qual a relação entre luta armada e organização política? E entre luta armada e povo?

Todos as guerrilheiras e guerrilheiros são quadros do partido. Podemos dizer que historicamente o partido foi fundado antes da guerrilha. Nessa relação o partido, especialmente Abdullah Ocalan é a liderança estratégica e enquanto o comando das forças armadas é a liderança tática. Podemos dar o exemplo e a comparação do caso bem conhecido do Vietnã, entre Ho Chi Minh como líder estratégico e Giap líder tático.

Podemos dizer que nas forças armadas, a guerrilha é uma necessidade para impedir e lutar contra o colonialismo, e dessa forma fazer o povo curdo renascer. Nos anos 70, na Turquia e na parte do Curdistão ocupada pela Turquia, somente dizer a palavra ‘Curdistão’ era inimaginável. A esquerda turca nessa época era muito forte mas foi sendo liquidada pelo plano da GLADIO: assassinatos, desaparecimentos, golpes de estado... muito parecido com o que ocorreu na América Latina com a Operação Condor, e cujo princípio podemos ver no “Método Jakkarta” (Indonésia) e na Europa desde o pós-guerra (com relação à própria GLADIO).

Depois de tentar muitos métodos distintos, a luta armada era a única forma possível de atestar a existência do povo curdo.

Numa das primeiras perguntas da entrevista também dissemos que há uma relação dialética entre guerrilha e povo. Podemos ver que a existência da guerrilha dá muita confiança e força ao povo em luta e vice versa. Antes (mais do que hoje em dia, por razões técnicas de segurança), a guerrilha ia muito às aldeias para educar e conversar, antes de existirem os canais de televisão do movimento. Como as mulheres não podiam ir muito à escola, esses momentos eram muito importantes para aprender, participar de discussões e ver como os companheiros viviam. Esse último ponto é muito importante, pois todo o povo diz que "eles" (a guerrilha) vivem como falam, não há contradição nisso.

Há uma história, não sei se você quer escrever sobre isso. Existe uma tradição de lavar as mãos dos hóspedes no Oriente Médio, mas as companheiras e companheiros nunca aceitaram isso por recusar essa relação de servidão. Havia uma casa numa aldeia em que os companheiros costumavam ir, em geral para descansar de uma marcha. A menina da casa sempre se oferecia pra lavar as mãos dos companheiros e eles sempre recusavam e lavavam por si mesmos. Um dia vão nessa casa soldados turcos disfarçados de guerrilheiros, e quando a menina se oferece pra lavar as mãos deles, é claro que aceitam. Então ela logo corre pra mãe e avisa que tem uns soldados disfarçados de guerrilheiros.... E aí a família tratou de avisar os companheiros.

Então com isso podemos ver que apesar de muito pouca idade e sem ter passado por nenhuma formação ideológica, só pelo estilo de vida da guerrilha, que é muito pedagógica, a menina aprendeu muito.

Outro exemplo que podemos dar para entender melhor, é que quando os companheiros vão para as casas das famílias, sempre lavam os pratos depois de comer, que é algo que normalmente nunca se faz quando se é hóspede no Curdistão. É algo necessário também pra superar os papéis patriarcais.

Para conectar com aquilo que falamos no começo de uma nova forma de fazer guerrilha, com a mudança pra guerrilha do século 21, a ideia clássica da guerrilha que vai para as aldeias para coletar comida ou educar o povo, por razões de segurança e como resultado de muitos camaradas que caíram, hoje teve de mudar. Algo que para nós é importante e para o movimento revolucionário e guerrilha, é não ser dogmático, estar abertos para mudanças necessárias. Nesse pensamento deve-se entender a mudança para a guerrilha do século 21.

7. Como organizar uma força militar de maneira democrática? Por exemplo como desenvolver a autodisciplina, a centralização do comando sem cair no autoritarismo? Poderia falar um pouco sobre a estrutura organizativa?

Para entender melhor nossa maneira de organizar-nos quero dar um exemplo. Já expliquei antes que hoje em dia as equipes são muito pequenas, e até certo ponto tem autonomia em seu trabalho. Isso quer dizer que não recebem ordens a cada dia, para qualquer trabalho. Claro, para um exército revolucionário é muito importante seguir a agenda política e nesse contexto podem-se realizar ações. Quando às vezes, a partir de determinado momento abre-se uma oportunidade é necessário tomar a iniciativa em relação a agenda política e fazer algo, atingir o inimigo.

Já anteriormente explicamos um pouco da maneira de como está organizada a guerrilha e o partido. Nesse sentido podemos dizer que cada um pode criticar, pode fazer propostas, dar sua opinião, analisar a situação e os trabalhos. Nesse contexto podemos ver os aspectos democráticos da guerrilha. Em todos os níveis, durante as assembleias qualquer camarada pode falar e propor mudanças como mudar responsabilidades, trabalhos etc sobre qualquer outra pessoa.

Porém às vezes há planos maiores, operações mais amplas, em que muitas equipes participam. Há agendas que são desenvolvidas a partir do partido. Mas há muito espaço para desenvolver as próprias ideias e planos. No entanto cada estrutura militar tem até certo ponto uma estrutura hierárquica pois não se podem tomar decisões coletivas a cada momento, e da mesma maneira há uma estrutura militar na guerrilha, com comandos de regiões, geral etc, que cada vez são pelo menos 3-5 pessoas, das quais um mínimo de 1-2 mulheres.

Nesse sentido há o Alto Comando, que tem que ser uma única pessoa por essa lógica militar. Mas a maioria das decisões é tomada coletivamente pelos comandos. Um exemplo disso é que recentemente houve uma reunião do Conselho Militar entre representantes das HPG e YJA-STAR com representantes de cada região.

Porém para nós, uma guerrilha tem bastante relação com o nível ideológico. A ideologia é o que conduz as ações da guerrilha, então pode-se dizer que se de um lado necessita-se de aspectos militares (como conhecimento de armas, disciplina, todas essas coisas), de outro para ser efetivo, para ter sucesso, é necessário unir isso com a ideologia. Nesse sentido entendemos a auto-disciplina. Para nós existe a disciplina que é imposta, que é o mais comum entre os exércitos dos Estados, mas com isso não se pode ganhar a guerra revolucionária. Para nós a auto-disciplina é o que em cada momento da luta é necessário ter, não por imposição mas por que entende-se a necessidade de viver com disciplina. Porque guerrilha quer dizer disciplina.

8. Uma das mudanças foi a passagem de Exército Popular de Libertação para Força de Autodefesa. Pode explicar melhor a ideia e o funcionamento de autodefesa como paradigma da guerrilha? O que é a Guerra Popular Revolucionária?

Podemos explicar da seguinte forma. Durante a época do Velho Paradigma, do ARGK, a ideia era que a guerrilha luta e o povo apoia, e que com o desenvolvimento da luta num nível mais intensivo a guerrilha ganharia controle sobre as estruturas do Estado. É claro que mudando o paradigma e desenvolvendo a ideia da autogestão do povo essa ideia da guerrilha que se torna Estado, da revolução política, não pode mais ser realizada.

Hoje em dia o foco é com o povo que constrói seu próprio sistema de autogestão, e a guerrilha nesse contexto, ao libertar territórios cria a oportunidade e quando necessita defende o que existe e o que o povo construiu contra as forças de ocupação.

Nesse contexto talvez podemos explicar um pouco mais a ideia da guerra revolucionária do povo. Então, em 2010 como já dissemos antes depois das negociações em Oslo entre o PKK e o Estado Turco em que mais uma vez não deu em nada, Abdullah Ocalan apresentou a perspectiva que depois desse momento há dois caminhos: ou se senta e se negocia de maneira apropriada com a intenção dos dois lados de resolver a questão turca, o que até esse momento não existiu por parte do Estado Turco ou vamos construir a própria solução. Isso quer dizer o povo vai construir sua própria solução.

Para limitar e depois de um tempo dismantelar e dissolver o controle do Estado sobre a vida do povo, desenvolveu-se a ideia da autonomia democrática, que quer dizer basicamente encontrar soluções de autogestão em cada aspecto da vida, que agora é gerido pelo Estado. Como educação, saúde, economia, justiça, segurança e demais.

Então há uma necessidade de por exemplo desenvolver cooperativas e coletivos para encontrar uma alternativa econômica, de desenvolver conselhos de justiça para que as pessoas (que é claro tem problemas que necessitam resolver) não precisem ir a um tribunal do Estado mas podem resolver por si mesmos.

No contexto do Curdistão, também abraçou-se o aspecto da educação em curdo para que o povo pela primeira vez possa aprender em sua língua materna.

Podemos dizer que esse processo do qual já falamos antes (das negociações entre 2013-15) e tendo em vista que o Estado rompeu esses acordos, o povo declarou a autonomia

da maioria das cidades do Curdistão do norte (ocupado pela Turquia) onde entrou no processo que chamamos de Resistência da Autonomia Democrática, porque o Estado Fascista Turco não aceitou essas declarações e começou a atacar de uma maneira covarde e cruel à sociedade com tanques e aviões. Muito parecido com o que acontecia na Síria (Assad) e é claro que a juventude curda entrou numa fase intensiva de autodefesa em que declarou-se em cada região/cidade as Unidades de Defesa Civil (YPS) e Unidades de Defesa Civil das Mulheres Jovens (YPS-Jin).

Entendemos autodefesa como uma característica de cada ser vivo para sua sobrevivência. Como uma rosa que tem seus espinhos para defender-se, um coelho que pode correr muito rápido, também o ser humano tem sua habilidade, seu direito à autodefesa. Nós, no contexto da autodefesa, chamamos essa guerra revolucionária como guerra justa. Para nós é importante entender a autodefesa de uma maneira completa. Porque de um lado não entendemos apenas como algo físico, mas também na mentalidade, contra os ataques da guerra psicológica ou coisas parecidas. Mas quando o inimigo tenta destruir a natureza em que o povo vive, há uma necessidade de autodefesa para proteger o espaço vital para que o povo possa sobreviver. Porque na maioria dos lugares do mundo o povo foi empobrecido e vive daquilo que produz na terra em que vive.

9. Que tipo de ações e táticas são usadas?

Podemos dizer que a ação mais conhecida da guerrilha no Curdistão é o *sisma*, que significa esgueirar-se muito próximo do inimigo até a distância em que se pode lançar uma granada e com a explosão assaltar o inimigo com a finalidade de tomar as armas dele. Por isso quando um soldado da ocupação turca escuta o “click” de uma granada morre de medo. É uma incursão muito rápida, de mais ou menos 5 minutos. De qualquer jeito também há muitos outros tipos de ações que estão no inventário da guerrilha, como “sniper”, sabotagem, míssil, emboscada, forças armadas do ar.

10. Como é o cotidiano dos combatentes?

O despertar, por mais que dependa da estação do ano, costuma ser de madrugada, antes do nascer do sol. O dia começa com atividade física e depois café da manhã (sem café, mas com chá) cada dia um/a companheiro diferente é responsável por cozinhar, assim como alguém que faz pão – a depender do tamanho da unidade, que numa formação com trinta pessoas pode ser facilmente vinte e cinco quilos de farinha – dependendo das circunstâncias, depois do café da manhã começa a formação ou preparação de uma ação ou outro tipo de trabalho (que pode ser construir uma habitação, transportar/trazer alimento etc). Ao meio-dia almoço que em geral é *fasulî* (feijão branco com molho de tomate) ou grão de bico, com arroz ou bulgur, e depois fazemos uma das tarefas já mencionadas até a janta. Depois disso, muitas vezes há um tempo de auto-formação para ler, escrever, coisas assim, e com o fim do dia cada time faz sua ‘teknil’ que é uma reflexão curta sobre o dia, de crítica e autocrítica. Com a noite começam os turnos de sentinelas.

PARTE IV – ISIS, fascismo, Rojava e internacionalismo

11. Em 2014 a guerrilha desceu das montanhas para enfrentar o Estado Islâmico que estava massacrando os curdos de religião êzidi em Şengal. Ao mesmo tempo muitos guerrilheiros e guerrilheiras foram contribuir com a Revolução de Rojava, como durante a batalha de Kobanê. Poderia falar um pouco sobre como foi esse processo, da participação da guerrilha na guerra contra o ISIS e em Rojava?

Se entendemos a guerrilha no princípio como força de defesa do povo curdo, mas também de todos os povos do Oriente Médio, quando emergiu o perigo do fascismo do ISIS eram sem dúvidas, necessário reagir imediatamente. Especialmente quando vemos a situação em Şengal em 2014, quando o ISIS atacou, com intenções genocidas os êzidis. Êzidis são a etnia curda que pratica uma religião muito antiga de origens zoroastrianas – a maioria dos curdos são muçulmanos mas também seguem outras religiões.

Nesse momento era visível que a comunidade internacional não iria fazer nada, então como já falei antes era uma necessidade da guerrilha defender seu povo contra o genocídio, e parar o fascismo. Ao longo da história houveram, no total, 74 genocídios contra os Êzidis. Ao final com a intervenção da guerrilha e também de YPG/YPJ pudemos resgatar centenas de milhares de pessoas e parar o ataque do DAESH. Depois disso, é claro, era importante não parar por aí, por isso avançamos na questão da autogestão e da autodefesa. A guerrilha começou a ensinar às pessoas como defender-se e como organizar-se de uma maneira democrática. O resultado hoje em dia é um sistema de autogestão em Shengal e com suas forças de autodefesa assim como, também constituíram a autodefesa autônoma das mulheres.

Então não é mais necessário para a guerrilha defender o povo, pois o povo pode defender a si próprio. Algo parecido aconteceu com a situação de Kobanê em 2014, quando DAESH mandou a maioria de suas forças atacar e exterminar os curdos e a cidade de Kobanê em geral. Para a guerrilha, próxima nas montanhas do outro lado da fronteira, no norte do Curdistão, havia a necessidade de ajudar a YPG e YPJ e o povo de Kobanê a defender a cidade e as pessoas, e além disso defender a humanidade contra o fascismo.

Porque era claro que até esse momento, nenhuma força era exitosa em parar o DAESH e se não se houvesse parado com a resistência histórica de Kobanê, talvez eles teriam se espalhado por muitos lugares do Oriente Médio e do mundo. Então, nesse contexto é importante outra vez lembrar dessa situação em que o DAESH derrotou com pouca força o exército iraquiano tomando cidades inteiras em pouquíssimo tempo. Nesse tempo as forças dos peshmergas (PDK e YNK) na maioria dos casos, também fugiram. E tampouco ajudaram seu povo com a necessidade de defender-se.

12. Em 2016 foi fundado na Turquia o Movimento Unido Revolucionários dos Povos (HBDH). Pode falar um pouco sobre? Quais são os objetivos, como funciona etc?

Podemos dizer que hoje um dois perigos mais evidentes e diretos para os povos do Curdistão é o fascismo. Porque é muito mortal. Essa aliança formou-se da necessidade

de lutar juntos contra o fascismo no Curdistão e na Turquia. Faz mais ou menos 40 anos, em 1980, um pouco antes do golpe de Estado que ocorreu nesse ano e que resultou na prisão, tortura e assassinato de milhares de pessoas, o PKK buscou os movimentos revolucionários turcos que nesse momento antes do golpe ainda eram muito fortes, para enfrentar o fascismo que se desenvolvia. Mas no fim essa aliança nesse período, não foi muito exitosa e não durou muito tempo. Mas hoje em dia, todavia existe essa necessidade, e também está bem claro que os movimentos revolucionários da Turquia também veem sua responsabilidade nesse aspecto. E portanto ainda que por mais que em alguns temas tenhamos diferentes perspectivas e ideias para poder desenvolver uma vida livre, para começar necessitamos derrotar o fascismo da Turquia sob o governo Erdogan.

Além disso podemos dizer que nessa aliança fazem parte mais ou menos todos os movimentos grandes que possuem uma guerrilha atuando na Turquia junto com o PKK. E também existe essa aliança no nível autônomo das mulheres (KBDH).

13. Ao longo da entrevista você deixou claro que a guerrilha e o PKK não são só dos curdos mas de todos os povos do Curdistão, assim como projeta-se para o restante do Oriente Médio. Ao mesmo tempo o movimento tem uma atuação muito forte no campo do internacionalismo, e isso é bem visível não apenas pela presença do movimento em outros países, mas também pela presença de guerrilheiros e mártires de diversos países, como é o caso da médica argentina Alina Sanchez/Ş. Legerin^u. Para a guerrilha então o que é internacionalismo? Qual seu papel? De um ponto de vista prático assim como ideológico?

Podemos dizer que desde o início do movimento estavam presentes companheiros e companheiras de povos distintos, que não eram curdos. Mais diretamente os dois primeiros amigos com quem Abdullah Ocalan conversou depois de tomar a decisão de iniciar um movimento revolucionário para o Curdistão. Eram companheiros turcos. E também desde o princípio participaram companheiros turcomanos, armênios, árabes, cerkes, laz e outros. O que significa claramente que mesmo que a libertação nacional do povo curdo fosse um objetivo importante e presente, o fator essencial do movimento era o socialismo. E de construir um mundo novo. Por isso, algo que vemos muito cedo no movimento um pouco especialmente depois dos anos 90 é que revolucionários de muitos lados do mundo vieram visitar Abdullah Ocalan, viver e ter sua experiência com a guerrilha e também nesse contexto, há gente que se uniu à guerrilha por toda sua vida.

Isso seguramente também tinha relação com o fim da URSS e com a perspectiva que se desenvolveu dentro do PKK com a sua autocrítica, desenvolvida no futuro. Especialmente com o desenvolvimento da Revolução em Rojava as ideias do Confederalismo Democrático e em geral da luta do Curdistão, espalharam-se pelo mundo e nesse tempo em que o sistema capitalista anunciou a sua última vitória com o fim das ideologias, essa enorme experiência (por envolver milhões de pessoas), passou a ter mais visibilidade. Então a partir desse momento muitos revolucionários voltaram sua atenção para o Curdistão e muitos decidiram unir-se à guerrilha.

E mais uma vez é importante entender que a luta no Curdistão não é só para a libertação do povo curdo, mas mais que nunca é para uma vida socialista e para a libertação do

mundo. Nesse sentido é importante também entender os objetivos estratégicos que começamos com a libertação do Curdistão que automaticamente quer dizer a democratização da Turquia e do Oriente Médio e que terá um efeito dominó para muitos lugares do mundo.

O papel das guerrilhas internacionalistas com certeza é conhecer melhor o povo e a realidade de seu país e por isso são capazes de transformar e explicar as ideias do movimento para seu próprio povo. Mas na realidade também os companheiros internacionalistas participam da guerrilha em qualquer tarefa ou trabalho necessário como iguais.

Por isso podemos dizer que o internacionalismo do movimento é a ideia de que a liberdade dos povos do Curdistão está conectada com a liberdade de todos os povos, e de que precisamos ajudar-nos em nossas lutas de libertação. E também que a luta de libertação não pode ser limitada a só um povo.

14. Existe algum tipo de referência nas guerrilhas latinoamericanas? O que acha do EZLN?

Na época dos anos 70 quando Abdullah Ocalan começou a juntar o primeiro grupo pra formar o movimento, durante as discussões e preparações, ele leu muito sobre as experiências dos movimentos revolucionários e guerrilheiros do mundo. Um que com certeza nos deu muita inspiração foi o Vietcong do Vietnã. Também vimos a experiência da revolução em Cuba, na Angola. Mas também nessa época, as experiências das guerrilhas urbanas foram estudadas. Claro, é um processo que continua até hoje em dia, pois temos relações com muitos movimentos revolucionários do mundo; o que as vezes também sai na imprensa. Mas também buscamos seguir as experiências e os desenvolvimentos desses movimentos em todo o globo.

Quanto ao EZLN, quando vemos à maneira como se organiza o povo de Chiapas e a guerrilha zapatista, de muitas maneiras podemos dizer que é muito próximo a nós. Também é um dos poucos movimentos guerrilheiros que foi lançado depois do fim da URSS. E com curiosidade acompanhamos os acontecimentos em Chiapas. E buscamos todo o tempo também aprender com as experiências que realizam os revolucionários em diversos lugares do mundo.

15. Gostaria de mandar uma mensagem final para as pessoas no Brasil e na América Latina?

Sim, é claro. Vemos que o fascismo não apenas no Oriente Médio, mas em muitos lugares do mundo é um perigo muito grande e também no Brasil o fascismo se intensifica. Também vemos que a destruição da natureza maravilhosa do Brasil nos dói muito e isto vai afetar enormemente a ecologia desta zona mas também de todo mundo. E também acompanhamos todas as lutas dos povos indígenas no Brasil e também na América Latina em geral. Sabemos que há uma necessidade muito grande por uma vida

livre, e estas experiências revolucionárias são uma grande ameaça ao imperialismo norte-americano.

Acreditamos que na vanguarda das mulheres, nas ideias e experiências dos indígenas, pode-se desenvolver uma força incrível que já vimos um pouco nos últimos anos. E também acreditamos que o paradigma da democracia, da ecologia e da libertação da mulher pode caber muito bem na realidade da América Latina. Então mandamos todas as nossas saudações revolucionárias e mando um abraço para todos os oprimidos da América Latina.

Hasta la victoria siempre!

-
- i Traduzindo é algo como Vida Livre Juntos ou em Comum, Comunal, Coletiva ou Juntos etc.
 - ii Şehid significa mártir em curdo, e assim identificam-se camaradas que tomaram e dedicaram sua vida à luta. São o que tem de mais sagrado, seu sacrifício e exemplo guiam o Movimento. Legerin quer dizer 'busca' e era o codinome de Alina Sanchez.

Para dúvidas, interesse etc podem escrever para serket@protonmail.me

Para ver mais...

- Para notícias ANF NEWS (Firat News Agency)
- Indicações de documentários: *Bakur – inside the PKK* e *Gulistan – land of roses*
- Filmes: *Beritan* e *100 dias de Resistência (Ji Bo Azadi)*
- TV da guerrilha <https://gerilatv.com/>

Algumas músicas com videoclipe:

- <https://www.youtube.com/watch?v=fusafqP-6IU>
- <https://www.youtube.com/watch?v=Z-IQ1OIjyhw>
- Um grupo musical guerrilheiro: **Awazê Ciya**
- Camaradas recordando Ş. Legerin
<https://www.youtube.com/watch?v=1PS7whreyQ4>
- Entrevista à Ş. Legerin <https://www.youtube.com/watch?v=qZgruvbB8Vs>

Livros:

- *Mujer, Vida, Libertad* (em espanhol) do Instituto Andrea Wolf;
- *Kuştina Zilam* (em espanhol) do Instituto Andrea Wolf;
- *Gîre Sor, Resistência no Monte Vermelho*, publicado pela Editora Terra Sem Amos.

Publicado no Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) em 29/06/2022.

Traduzido do Espanhol ao Português pelo Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA)

Revisado por Rafael V. da Silva